

## AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CAMPO DA SAÚDE

### Social representations and its contributions to the health area

Sandra Rejane Soares Ferreira<sup>1</sup>

Jane Lilian Ribeiro Brum<sup>2</sup>

#### RESUMO

*Este artigo aborda, em nível teórico, a Noção de Representações Sociais. Descreve sua origem, definições conceituais, o campo de estudo e as formas de abordagem mais utilizadas, quais sejam: a dimensional, a estrutural e a dinâmica. Tece alguns comentários sobre a utilização deste referencial na área da saúde e como ele pode ser utilizado pela enfermagem.*

**UNITERMOS:** *Saúde, Representações Sociais, Enfermagem.*

#### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se em uma revisão teórica sobre a Noção de Representações Sociais e foi realizado durante a disciplina Seminários Integrados de Pesquisa, do Curso de Mestrado em Enfermagem, da Escola de Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Desenvolveu-se um breve histórico das Representações Sociais, as abordagens mais utilizadas no campo metodológico-analítico, e como este referencial pode ser utilizado no campo da saúde.

Busca-se compreender como tem sido a utilização deste referencial na área da saúde e como é possível a articulação dessa perspectiva científica com as pesquisas desenvolvidas pela enfermagem.

---

1 Mestre em Enfermagem pela EEUFRGS, Enfermeira Especialista em Saúde Coletiva. Unidade Coinma - Divisão de Saúde Comunitária do Hospital Nossa Senhora Conceição/GHC.

2 Mestre em Enfermagem pela EEUFRGS; Enfermeira Obstétrica da Prefeitura Municipal de Carazinho-RS.

## 2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de Representações Sociais foi desenvolvido no século passado pela filosofia e sociologia, sendo adotado, mais tarde, pela psicologia social que entendia o psiquismo como reflexo da realidade social.

De acordo com Sá (1993, p.19), “o termo *Representações Sociais* designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos”.

A inauguração deste campo, bem como a utilização desse termo para defini-la, deve-se ao psicólogo social francês Serge Moscovici que, em 1961, começava a desenvolver uma psicossociologia do conhecimento.

Moscovici buscou como ponto de partida o conceito de “representações coletivas” de Emile Durkheim, no qual esse autor procurava explicar fenômenos como a religião, os mitos, a ciência, as categorias de espaço e tempo, entre outras questões relativas ao conhecimento inerente à sociedade (Sá, 1993). Existem diferenças teórico conceituais entre as concepções de Representações Coletivas de Durkheim e as Representações Sociais de Moscovici. Entre outros aspectos, há uma diferença contextual, histórica e social muito grande do período em que cada um desenvolveu suas idéias. O primeiro, não acreditava em qualquer explicação psicológica dos fatos sociais e desenvolveu sua teoria baseado nas relações das sociedades primitivas do início do século XX. O segundo tinha como objetivo estabelecer uma psicossociologia do conhecimento e baseou-se na heterogeneidade da sociedade contemporânea a partir da década de 50.

Segundo Sá (1993, p.23), Moscovici foi buscar na sociologia durkheimiana um primeiro abrigo conceitual para suas objeções ao excessivo individualismo da psicologia social americana e o desafio em que essa busca consistiu foi o de “*situar efetivamente a psicologia social na encruzilhada entre a psicologia e as ciências sociais, em ocupar de fato esse território limítrofe, onde se desenvolvem fenômenos cuja dupla natureza – psicológica e social – tem sido reiteradamente admitida*”.

O trabalho de Moscovici utiliza conceitos psicanalíticos fora da psicanálise, dentro da sociedade como um todo, e na sua tese sobre como a sociedade representava a psicanálise, buscou entender qual a “visibilidade” que ela tinha na década de 50 e, conseqüentemente, como as pessoas se apropriavam do conhecimento e como ocorria a formação do conjunto de opiniões e atitudes.

Na origem Moscoviciano, as Representações Sociais não são representações de pessoas e sim representações de grupos sobre um objeto. Estuda-se como esses grupos se utilizam da comunicação, que envolve a fala, a indumentária, o gestual, entre outros, para comunicar suas representações. As Representações Sociais não têm a preocupação de anali-

sar acertos ou erros do conhecimento, mas sim, entender qual é a função do conhecimento e como se dá a articulação deste nas relações cotidianas.

Conforme Jovchelovitch (1994, p.81) as Representações Sociais.

*“são uma estratégia desenvolvida por atores sociais, para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende cada um individualmente. Nesse sentido, elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada sujeito vai além da sua própria individualidade para entrar no domínio diferente, ainda que fundamentalmente relacionado: o domínio da vida em comum”.*

Para Jodelet, citada por Sá (1993, p.32) as Representações Sociais são *“uma forma de conhecimento, socialmente elaboradas e partilhadas, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.* Estão ligadas a vários elementos que as tornam dinâmicas e explicativas das várias realidades. Possuem um conceito relacional que considera aspectos históricos e ideológicos e estão nas mentes e no meio social.

Para Jovchelovitch (1996) a noção de Representação Social possui três pilares básicos, ou seja: a sociologia de Durkheim, a noção de construtivismo de Piaget e as teorias de Freud (dinâmicas do inconsciente).

Na psicologia tradicional rejeitava-se o saber social, pois o centro da análise era o sujeito individual, cartesiano, encapsulado, sem contato com a realidade exterior. A noção de representação social surge para Moscovici como uma forma sociológica da Psicologia Social. Esta busca entender como as relações sociais se constroem e influenciam as atitudes, opiniões e comportamentos de um grupo. A noção de representação social possibilita transpor o campo da análise individual para o campo da análise social. Através desta abordagem pode-se entender de forma abrangente como se produzem os saberes sociais em determinados grupos e como esses saberes se manifestam quotidianamente nas relações destes grupos.

Guareschi (1994), diz que Moscovici vai além de tentar descrever, analisar e compreender um dado objeto social, ele tenta entender os seres humanos na amplitude do contexto social. Este autor salienta que um dos postulados da teoria e conceito das Representações Sociais é de que *“o elemento social, é algo constitutivo dela e não uma entidade separada. O social não determina a pessoa, mas é parte dela. O ser humano é essencialmente social”* (id 1994, p.203). Cotidianamente, os conhecimentos são postos, articulados e se legitimam objetivando tornar próxima e conhecida a realidade, bem como estabelecer mecanismos de controle através das regras de grupo. As Representações Sociais não são estanques, transformam-se a cada nova realidade posta. Elas trabalham numa

perspectiva onde se possa ler os mais diferentes fenômenos e objetos do mundo social.

De acordo com Moscovici (1984), existem na sociedade dois tipos de universos de pensamento – o universo consensual e o universo reificado. O universo consensual é chamado de senso comum e encontra-se nas práticas interativas cotidianas, onde se constroem as representações sociais a partir das pressões do dia-a-dia, das contradições sociais. O senso comum são versões contemporâneas de um determinado saber, é o espaço do que nos é familiar, próximo. O universo reificado é o mundo das ciências, da objetividade e das teorizações abstratas. O universo reificado é o espaço do que, na maioria das vezes, não nos é familiar. Conforme Camargo (1998), o senso comum afeta a ciência bem como a ciência afeta o senso comum, o universo consensual está dialeticamente relacionado ao universo reificado.

Para Moscovici, citado por Jovchelovith (1996, p.8),

*“a função central das Representações Sociais é ancorar os sujeitos no mundo, permitindo que se possa dar sentido a realidade. Dar sentido a nós mesmos e que possamos nos movimentar no mundo de forma mais ou menos tranqüila (...) Por isso as representações sociais têm como função transformar o que não é familiar em algo que se possa lidar”.*

Para lidar com algo que não é familiar precisamos torná-lo familiar esse movimento que se processa internamente é decorrente de dois processo denominados ancoragem e objetivação. Para Sá (1993), esses são os processos formadores das representações sociais. A ancoragem é um processo que se dá através da assimilação e acomodação das informações. Ela tem como função fornecer um contexto inteligível ao objeto e interpretá-lo. Portanto, a ancoragem.

Segundo Sá, (1993, p.34).

*“consiste na integração cognitiva do objeto representado (sejam idéias, pessoas, acontecimentos, relações) a um sistema de pensamento social preexistente e, conseqüentemente, nas transformações implicadas. (...) Este processo é responsável pelo enraizamento das idéias. Ancoragem é, portanto, classificação e denominação”.*

A classificação se dá por idéias prévias que temos em nossa memória, na qual inserimos o novo objeto e passamos a denominá-lo por palavras conhecidas ou construídas, localizadas dentro de nossa cultura.

A AIDS, por exemplo, no início da década de 80, foi ancorada erroneamente como “o câncer *dos homossexuais*” e hoje tem sido difícil conse-

guir mudar essa concepção. Muitas pessoas, ainda não acreditam que o vírus pode ser adquirido por qualquer indivíduo. Então quando se pensa em AIDS, pensa-se em homossexualidade e promiscuidade. A AIDS foi então categorizada, enquadrada pelo senso comum dessa forma.

A objetivação tem como função dar materialidade a um objeto abstrato e consiste em reproduzir um conceito em uma imagem. Segundo Sá (1993, p.39), “*é uma operação imaginante e estruturante, pela qual se dá uma forma (ou figura) específica ao conhecimento acerca do objeto, tornando-o concreto, quase tangível, o conceito abstrato, materializando a palavra*”.

As Representações Sociais possuem na sua estrutura uma dupla natureza – conceptual e figurativa. Na linha do pensamento conceptual é possível na ausência do objeto concebê-lo, dando-lhe um sentido, simbolizando-o. Na linha figurativa a atividade perceptiva trataria de recuperar esse objeto, “*dar-lhe uma concretude, torná-lo tangível*” (Sá, 1993, p.33).

### **3 O ESPAÇO DE ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUAS FORMAS DE ABORDAGEM**

Segundo Jodelet e Madeira (1998, p.7) torna-se cada vez mais necessário que um número maior de pesquisadores oriente seus trabalhos na “*busca de modelos e métodos que permitam compreender a conduta humana, em sua complexidade, apreendendo-a em suas dimensões cognitiva, afetiva, simbólica e imaginária*”. Neste sentido, os estudos das Representações Sociais contribuem, enquanto conjunto teórico-metodológico, no entendimento de como os grupos absorvem e moldam seu mundo subjetivo nas relações sociais.

O solo das Representações Sociais é a interação social, espaço onde ocorrem as relações com os outros. Nessa concepção teórica acredita-se que a formação de idéias e atitudes ocorrem sob influência da interação social, das relações entre as pessoas e do senso comum. As Representações Sociais podem ser chamadas de “noções” sobre as coisas que se fazem e operam-se independente do indivíduo, no dia-a-dia.

Para realizar estudos dessa natureza recomenda-se ter grupos de referência, critérios ou delineamento comparativos, isto é trabalhar com grupos que possuam valores e práticas sociais diferentes.

É fundamental no processo de estudo caracterizar os níveis sócio-culturais: acesso a bens de consumo, informação e educação. Por exemplo, no caso de um estudo com jovens é fundamental investigar questões como a escolaridade dos pais (solo cultural do indivíduo) e a profissão deles (condições econômicas e acesso a bens de consumo e informação).

De acordo com Camargo (1998), o estudo teórico conceitual do conteúdo de uma Representações Social vem sendo realizado através de três tipos de abordagem: dimensional, estrutural e dinâmica. Também, pode-se

utilizar a abordagem etnográfica, mas um dos problemas deste tipo de estudo é o tempo demasiadamente longo que se necessita para executar a pesquisa. É necessário passar um tempo na comunidade estudada observando as práticas e como as pessoas justificam as mesmas.

#### Abordagem dimensional

Para Camargo (1998), esta abordagem iniciou com Moscovici e prioriza o conteúdo, trabalhando com três dimensões, a saber:

- a informação, que procura identificar e estudar todas as informações (quantidade e qualidade) que os sujeitos/grupo têm sobre o objeto de pesquisa;
- a atitude, onde se verifica se os indivíduos possuem atitudes favoráveis ou não ao objeto estudado. Exprime a orientação geral do grupo, na forma mais primitiva que nas outras duas dimensões;
- o campo de pesquisa, que permite visualizar o conjunto de conhecimentos que o grupo possui a respeito do objeto e a articulação destes conhecimentos. O campo é o espaço que possibilita a articulação das informações e a manifestação das atitudes. No campo as micro teorias articulam-se entre si.

Esta noção de campo da abordagem dimensional influenciou a criação da abordagem estrutural.

#### Abordagem estrutural

Segundo Camargo (1998), nesta abordagem as Representações Sociais funcionam como sistema de interpretação da realidade determinando comportamentos. Esta concepção define quatro funções para as Representações Sociais: de saber (quadro compreensível, função cognitiva); identitária (situam os indivíduos no grupo); de orientação (são guias de comportamento e práticas sociais) e justificadora.

Abric (1998) organiza a abordagem estrutural de forma correspondente a teoria de Moscovici e trabalha com a teoria do núcleo central das representações. Para ele as Representações Sociais são organizadas num duplo sistema: central e periférico. O sistema central ou núcleo central é identificado através das palavras que são primeiramente evocadas e possuem alta frequência de evocação. Este sistema tem como função gerar o significado das representações sociais determinando sua organização e possui como características: a ligação com a memória coletiva, normas e a história do grupo; ser consensual (define a homogeneidade do grupo); ser estável; ser coerente e rígido (resiste às mudanças, pouco sensível ao conteúdo imediato).

O sistema periférico é identificado através das demais palavras evocadas, possui variedade maior e uma frequência menor. Representa o

resultado entre as interações das experiências quotidianas dos indivíduos. Sua função é permitir a adaptação à realidade concreta respeitando a diferença de conteúdo. Tem como características permitir a integração de experiências e histórias individuais; tolerar a heterogeneidade do grupo (tolera as contradições); ser flexível (sensível ao conteúdo imediato) e evolutivo.

As periferias do sistema são dinâmicas e acrescentam novos elementos (informações novas) que podem reforçar ou desconfirmar (mudar) o núcleo central. Poderíamos dizer que, assim como as circunstâncias do dia-a-dia nos afetam e nos influenciam, as periferias afetam o núcleo central e as representações em si. Mas, muda-se com mais facilidade o sistema periférico (opinião) do que a atitude que esta vinculada ao núcleo central.

#### Abordagem dinâmica

Segundo Moscovici (1984), a função máxima das Representações Sociais é de tornar conhecido aquilo que é desconhecido. Nesta abordagem trabalha-se com dois elementos de uma Representações Sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação, como vimos anteriormente, tem como função dar materialidade a um objeto abstrato e possui três fases: seleção e descontextualização do objeto (em função de critérios culturais, normativos); formação do núcleo figurativo (torna o abstrato concreto, a imagem ganha uma referência, através de metáforas); naturalização dos elementos do núcleo figurativo (tornar as “coisas” mais palpáveis; o representado torna-se natural).

A ancoragem, também já abordada, da continuidade ao processo de naturalização, é o enraizamento, a significação das idéias. Através deste processo é que será conferida a utilidade, a um determinado objeto, por quem o representa.

Os processos de objetivação e ancoragem articulam três funções básicas das Representações Sociais: a função cognitiva e de integração da novidade; função de interpretação da realidade e a função de orientação das condutas do grupo social.

A abordagem dinâmica utiliza-se de instrumentos de coleta de dados tais como questionários e entrevistas não diretivas. As entrevistas devem lançar o tema sem dirigi-lo. Quanto ao número de entrevista ou questionários, recomenda-se no mínimo 30, pois estudos na França verificaram que a partir desse número as entrevistas começam a saturar (Camargo, 1998).

## **4 UTILIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA ÁREA DA SAÚDE**

Para a realização de um estudo dentro do referencial teorico-metodológico das Representações Sociais, deve-se ter uma questão de

pesquisa que possa ser respondida em termos de Representações Sociais e que permita a interação do indivíduo ou grupo com o pesquisador (Souza Filho, 1993). A coleta de dados pode ser feita com inúmeras técnicas como: entrevistas, desenhos, dramatização, associação de palavras, observação participante, dados censitários e de opinião, prontuários de pacientes, história oral, grupos focais e outros que permitam o compartilhamento de imagens e idéias (Moscovici, 1984).

Conforme Camargo (1998), um exemplo clássico de estudo das Representações Sociais, no campo da saúde é o trabalho de Jodelet, realizado em 1989, sobre as representações sociais da loucura. Este estudo foi realizado em uma colônia (Ainoy-le-château-França) com treze pequenas comunidades e com um grande hospital psiquiátrico que desenvolve atividades de assistência, ensino e pesquisa.

Esse hospital francês trabalha com a proposta de desinstitucionalização de doentes mentais. Jodelet, estudou 1.195 pensionistas que foram desinstitucionalizados e passaram a morar em mais ou menos 500 casas desta colônia.

A metodologia utilizada foi: observação participante nas comunidades; análise documental e depoimentos (história da instituição); entrevistas com pessoal do hospital; questionários: 493 famílias e 1.195 doentes; entrevistas com profundidade com 65 famílias.

Os tipos de doentes mentais descritos e caracterizados pela população em estudo foram: os inocentes (fracos, loucos da cabeça); bizarros e nervosos; epilépticos; doente mental (caracterização de pessoas ligadas ao saber reificado) e os jovens transgressores (vândalos). De modo resumido e, de certa forma, “reduzido” podemos dizer que os estudos das representações sociais da loucura buscaram apreender os mecanismos e processos pelos quais as famílias desta comunidade e os “doentes mentais” dão sentido ao objeto “loucura” e como articulam e reproduzem essas representações quotidianamente.

Na saúde da mulher, por exemplo, as Representações Sociais podem indicar como estas percebem seu corpo e sua sexualidade, obtendo-se informações que permitam uma atuação mais eficaz no campo da saúde sexual e reprodutiva. Na saúde do adolescente pode-se compreender como estes jovens representam a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis e como transformam essa compreensão em condutas preventivas concretas. Na questão das doenças crônicas degenerativas pode-se compreender as concepções do senso comum sobre o processo saúde-adoecimento e a aceitação dos diferentes tipos de tratamento, entre outros aspectos.

As Representações Sociais são saberes construídos socialmente, compartilhados e inseparáveis da atividade simbólica do sujeito, dessa forma, “*tornam-se linguagem, orientando comunicações e condutas*” (Madeira, 1998, p.11). Nesse sentido acreditamos que estudos norteados por esta



noção podem auxiliar profissionais da área da saúde na compreensão dos aspectos que moldam e influenciam o agir dos sujeitos e se expressam em suas vivências subjetivas e de grupo manifestadas quotidianamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Representações Sociais é buscar conhecer o modo como um grupo social constrói um conjunto de saberes que expressam sua identidade e cultura em um dado momento histórico. As Representações Sociais possibilitam um campo vasto de investigação objetiva e subjetiva, no sentido de compreender as diversas dimensões da realidade, quais sejam a física, a social, a cultural, a cognitiva, a afetiva.

Estes estudos podem auxiliar na compreensão dos comportamentos e hábitos de saúde de uma população, como por exemplo, os processos de construção dos conceitos populares sobre saúde e doença, permitindo entender a articulação que esses grupos sociais fazem entre o conhecimento científico, o saber popular e as informações veiculadas pelos serviços de saúde e pela mídia.

No campo da saúde observa-se cada vez mais que todas as ações e/ou omissões quanto ao auto-cuidado estão relacionadas com modelos, valores sócio-culturais e crenças. Não são apenas opções individuais como pressupõe o paradigma cartesiano, hegemônico nas práticas de educação em saúde, dominantes no mundo ocidental. O binômio saúde/doença na perspectiva das Representações Sociais poderá ser estudado enquanto processo dinâmico, histórico e social. O cuidado de enfermagem, nessa abordagem, poderá ser compreendido em função das inúmeras influências cotidianas, possibilitando-nos rever seus conteúdos e as práticas sociais. Desta forma, através da abrangência dessa proposta teórico-metodológica e da riqueza de elementos que poderão ser levantados em estudos no campo da saúde, poderemos transpor nas nossas práticas de saúde, as influências do paradigma cartesiano que nos levam a pensar que estar com saúde ou doente dependem apenas da responsabilidade individual e não das interações políticas, sociais, culturais e econômicas do nosso país.

Acreditamos que tanto no campo da saúde quanto na área de enfermagem as Representações Sociais podem ser extremamente úteis, pois além de contribuir em estudos sobre a concepção do processo saúde-adoecimento, permitem pesquisar também aspectos relativos a profissão: quem somos, o que sabemos, a quem prestamos o cuidado, que tipo de cuidado é prestado e qual seu significado no contexto social. As Representações Sociais podem nos auxiliar a compreender a construção e a articulação da enfermagem no contexto histórico-social, suas relações com as outras profissões da área da saúde, a nossa inserção no mercado de trabalho, a dinamicidade de suas práticas terapêuticas, entre outros aspectos da profissão.

**ABSTRACT**

*This article approaches, in theory, a notion of Social Representations, describing its origin, concepts, fields of study and manners of approach, which are: dimensional, structural and dynamic. Some comments about the use of this framework in the health area are made, as well as how can it be used in Nursing.*

**KEY WORDS:** *health, social representations, nursing.*

**RESUMEN**

*Este artículo es sobre la noción de representaciones sociales. Describe su origen, el campo del estudio y las formas de acercamiento: dimensional, estructural y dinámica. Teje algunos comentarios sobre el uso de esto referencial en el área de la salud y como él puede ser usado por la enfermería.*

**DESCRIPTORES:** *salud, representaciones sociales, enfermería.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 1 ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In Moreira, A. S. P.; Oliveira, D.C. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998, p. 27- 38.
- 2 CAMARGO, B. V. *A noção de representação social e sua contribuição para pesquisas na área da saúde*, Porto Alegre: UFRGS, 1998, (Anotações do curso ministrado na Escola de Enfermagem da UFRGS).
- 3 GUARESCHI, P.A. "Sem dinheiro não há salvação" ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: Jovchelovitch, S; Guareschi, P. (Org.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994. p. 191-225.
- 4 . *Representações sociais: alguns comentários oportunos*. 1994. 18p. (mimeo).
- 5 JODELET, D.; MADEIRA, M. C. *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos*. Natal: EDUFRRN, 1998.
- 6 JOVCHELOVITCH, S. *Encontro científico no pós-graduação da psicologia*. Porto Alegre: PUC-RS, 1996, (mimeo).
- 7 JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: Jovchelovitch, S; Guareschi, P. (Org.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994. p. 63-111.
- 8 MADEIRA, M. C. A confiança afrontada: representações sociais da Aids para jovens. In: JODELET, D.; MADEIRA, M. C. *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos*. Natal: EDUFRRN, 1998, p.47-72.
- 9 MOSCOVICI, S. *Psicologia Social I*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1984.
- 10 SA, C. P. de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, M.J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.
- 11 SOUZA FILHO, E. A. Análise de representações sociais. In: Spink, M.J. (Org.) *O conhecimento no cotidiano: as representações na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense. 1993. p. 109-145.

---

Endereço da autora: Sandra Rejane Soares Ferreira  
Author's address: Av. Clóvis Paim Grivot, 250/116 Bl. D  
90250-020 - Porto Alegre - RS